

PARA UMA LEITURA DE “TRÊS CONTOS DE ONTEM”

Arnaldo Santos, o mestre da prosa minimalista

O meu amigo, o mais-velho Luandino Vieira, na qualidade de editor convidou-me a escrever algumas notas introdutórias à leitura de “Três Contos de Ontem”, um bom livro que reúne alguns dos melhores textos narrativos curtos deste escritor a respeito do qual teço aqui três breves páginas

Luís Kandjimbo

O meu primeiro contacto com a obra de Arnaldo Santos ocorreu há mais de quatro décadas, quando li dois contos seus – “O Velho Pedro” e “Exames da 1ª Classe” – no contexto das mudanças políticas desencadeadas logo depois do 25 de Abril de 1974, em Portugal, com repercussões no processo de democratização do ensino em Angola cujos efeitos vivi enquanto estudante do Liceu de Benguela. A proclamação da Independência de Angola em 1975 e, consequentemente, as parciais reformas curriculares, exigidas ao abrigo de euforias libertárias, deram lugar ao uso dos primeiros textos literários angolanos como materiais de apoio da disciplina de língua portuguesa.

No entanto, a leitura generalizada dos referidos textos literários angolanos teve garantia de sucesso devido à explosão editorial de obras de autores angolanos, assegurada pela União dos Escritores Angolanos, então constituída, um mês após a proclamação da Independência de Angola. Data dessa época, o início da leitura sistemática dos contos e poemas de Arnaldo Santos, no âmbito da prática institucional do ensino da leitura e interpretação da literatura angolana que se consolida com a reforma educativa.

Além disso, há duas décadas, tive o grato prazer de ter Arnaldo Santos como primeiro convidado de uma série de programas consagrados à literatura angolana que, durante dois anos, apresentei na Televisão Pública de Angola.

É um preciosista na depuração do texto narrativo curto e avaro dos seus elementos, pois submete a língua portuguesa a um singular tratamento, articulando formas

de expressão resultantes de modelos angolanos de comunicação a correspondentes formas de conteúdo. No dizer do meu falecido amigo, o crítico literário angolano Jorge Macedo, ele usa “lexias-kimbundu no interior de um português de luzidia correcção”. Devido a esse labor oficial, a sua obra narrativa não conheceu variações até à década de 90, gravitando em torno da forma breve do texto narrativo, entre o conto e a crónica. Com os contos dá-se o prenúncio de uma narrativa de fôlego. Mas é ao romance “A Boneca de Quilengues”, publicado em 1991, que se seguirão outros dois.

No panorama da ficção narrativa angolana, Arnaldo Santos é uma referência fundamental, um escritor de leitura obrigatória. Quanto a mim o seu nome deve estar necessariamente associado à mestria do minimalismo narrativo. Trata-se de um experiente técnico que, definindo a sua utilização dos recursos narrativos, também se evidencia na sua obra pelo elevado sentido de rigor na selectividade dos tipos de personagens e sua adequação às histórias que constrói. Privilegia o meio urbano luandense e a caracterização psicológica das personagens obedece a uma lógica predominantemente local. No seu primeiro livro, tal efeito é alcançado, por exemplo, no conto “A mulher do padeiro”, através de uma conflituosa coabitação entre personagens portuguesas e luandenses. Ou ainda em “Os calundus da Joana”. Embora o seu espaço físico e social de eleição seja o Kinaxixi, um lugar da cidade de Luanda, em “A Boneca de Quilengues” desloca a topografia para Benguela, realizando pela primeira vez a introdução de “lexias-umbundu”.

Na sua produção narrativa destaca dois momentos, numa cronologia que tem o ano de 1975

como cronótopo. No momento que se segue à Independência de Angola, distingo duas fases: uma de transição em que temos dois livros de poesia, e uma segunda fase em que se transita de obras como “O Cesto de Katandu e Outros Contos” e do livro “Na Mbanza do Miranda” para uma ficção mais elaborada. Esta tendência evolutiva culmina efectivamente com dois romances, nomeadamente, “A Casa Velha das Margens” e “O Vento que Desorienta o Caçador”.

Em quase toda a obra ficcional de Arnaldo Santos regista-se a presença emblemática do topónimo Kinaxixi, representando “um pouco mais do que um simples lugar”. Kinaxixi tem tratamento privilegiado na sua obra, tal como Maculussu tem na obra do seu companheiro de geração, Luandino Vieira.

Os “Três Contos de Ontem” não obedecem a qualquer sequência cronológica. Mas representam a primeira fase da produção narrativa do autor e constituem uma expressão eloquente da importância que tem a literatura para a compreensão dos indivíduos, seus comportamentos e mentalidades. Trata-se de uma ficcionalidade plasmada em narrativas curtas cujo contexto temporal as inscreve na segunda metade do século XX. As histórias dão vida a um universo imaginário povoado por um certo tipo de personagens e têm lugar em espaços físicos e sociais identificados, através de idiolectos, unidades lexicográficas, registos de fala, topónimos e neologismos.

Em “Maximbombo do Munhungo” desenha-se a geografia urbana de Luanda e sua estratificação social. O carácter verosímil da história permite afastar a incredulidade do leitor, na medida em que o dizer verdadeiro dos factos ficcionais corresponde

ao ambiente vivido na cidade de Luanda nessa época.

Os neologismos resultantes das línguas em contacto, designadamente, o kimbundu e o português atestam uma variedade linguística e uma multiplicidade de que emana o comportamento de agentes que transformam o mundo à sua volta, onde ocorre o processo de apropriação de máquinas e artefactos tecnológicos a que se atribuem designações apenas inteligíveis no contexto angolano. O título comporta duas unidades lexicográficas do português falado em Angola, “maximbombo” e “munhungu”.

“O Cesto de Katandu” é um conto que se constrói em torno dos dilemas morais de um homem adulto, educado para desempenhar papéis exclusivamente masculinos. O texto está impregnado por uma tensão entre a consciência moral de Samuel Kandimba João, resignado, de um lado, e os costumes e as tradições que modelaram a personalidade, de outro lado. A natureza desse conflito torna o conto em exemplar da dramaticidade da prática moral.

“Na Mbanza do Miranda” é um monólogo interior em que o fluxo da consciência do narrador permite concluir que se está diante de uma subtil crítica contra a burocracia, enquanto institucionalização do mal, que afecta a qualidade dos serviços administrativos do Estado e empresas, tematizando o comportamento dos seus agentes.

Portanto, os três contos seleccionados e propostos à leitura dão uma perspectiva histórica das mentalidades urbanas de uma cidade como Luanda. São peças da obra de um verdadeiro cronista dos costumes, podendo dizer-se que com ele a narrativa literária é um meio privilegiado para a investigação moral.

Bibliografia do escritor

Arnaldo Santos é natural de Luanda, onde nasceu em 1935. Fez os estudos primários e secundários em Luanda. Na década de 50 integrou o chamado “grupo da Cultura”. Colaborou em várias publicações periódicas luandenses, entre as quais a revista Cultura, o *Jornal de Angola* (da década de 60), ABC e Mensagem da Casa dos Estudantes do Império. É membro fundador da União dos Escritores Angolanos (UEA) e da Academia Angolana de Letras.

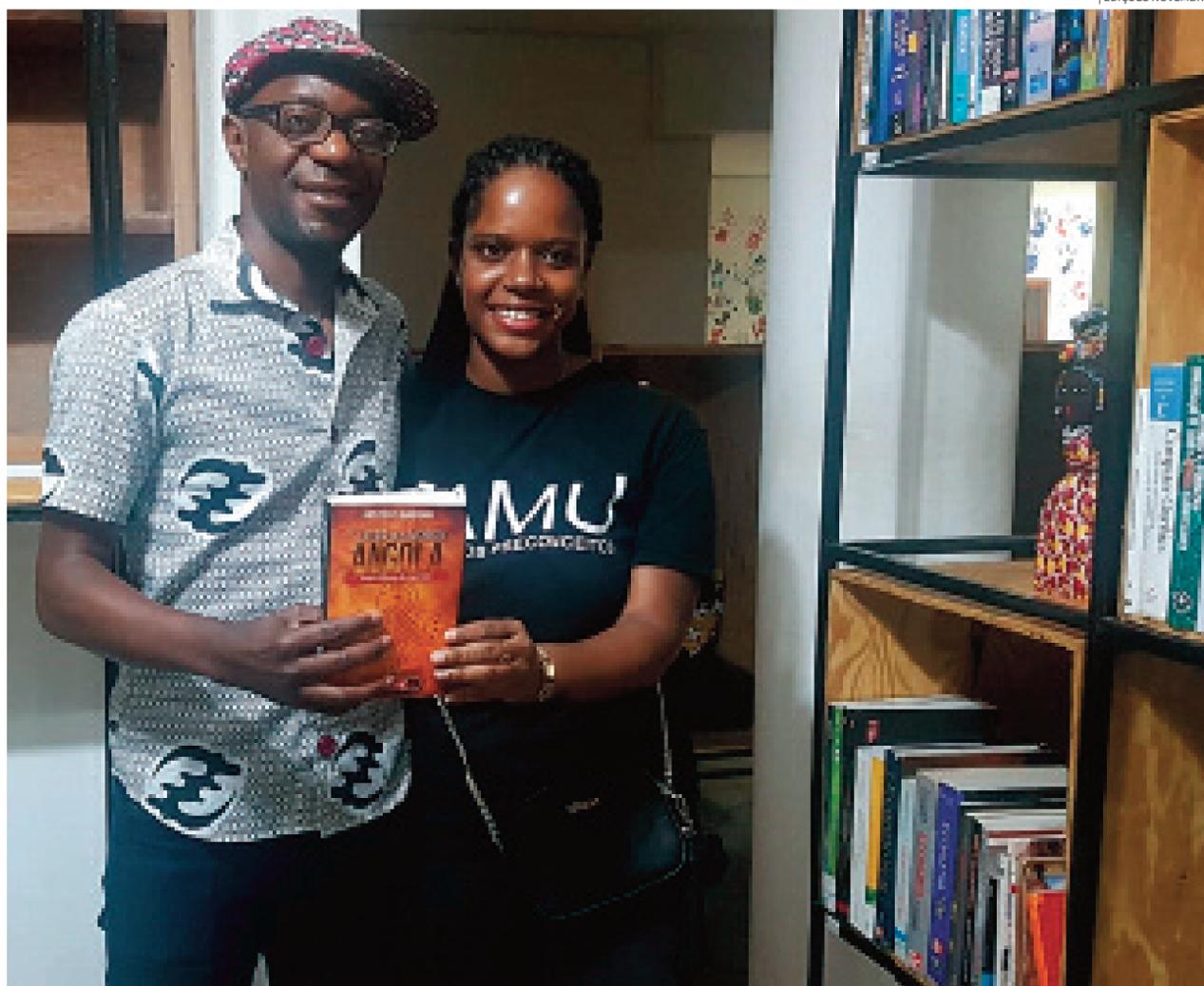
Passou a infância e a adolescência no bairro do Kinaxixi, topónimo que ocupa um lugar privilegiado na sua produção narrativa. Aos trinta anos de idade, publicou a sua primeira colectânea de contos, intitulada *Quinaxixi* com a chancela da Casa dos Estudantes do Império com sede em Lisboa. Com o livro de crónicas *Tempo de Munhungo*, arrebato em 1968 o Prémio Mota Veiga, um dos mais importantes prémios literários existentes em Luanda, nas décadas de 60 e 70.

Arnaldo Santos é poeta e ficcionista. Publicou *Fuga* (Luanda, poesia, 1960); *Quinaxixi* (contos, 1965); *Tempo de Munhungo* (Luanda, crónicas, 1968); *Poemas no Tempo* (Luanda, poesia, 1977); *Prosas* (Luanda, contos, 1977, 1981); *Kinaxixi e Outras Prosas* (contos, São Paulo, 1981); *Na Mbanza do Miranda* (contos, Luanda, 1985); *O Cesto de Katandu e Outros Contos* (Luanda, contos, 1986); *Nova Memória da Terra e dos Homens* (Luanda, poesia, 1987); *A Boneca de Quilengues* (Luanda, romance, 1991); *A Casa Velha das Margens* (Porto, romance, 1999); *O Brinde Seguido de a Palavra e a Máscara* (Luanda, contos, 2004); *Crónicas ao Sol e à Chuva* (Luanda, crónica, 2000); *As Estórias de Kuxixima* (Luanda, 2003, literatura infantil); *O Vento que Desorienta o Caçador* (Lisboa, romance, 2006); *Sabrina e os Manuscritos do Kuito* (Luanda, 2012); *O Mais-Velho Menino dos Pássaros* (Luanda, literatura infantil, 2013); *Três Contos de Ontem* (Luanda, contos, 2019).

OBRA DE ARISTÓTELES KANDIMBA

“O Livro dos Nomes de Angola”

Aristóteles Kandimba é um escritor e activista sócio-cultural que tem uma forte preocupação pela preservação dos valores endógenos angolanos. Isto está bem patente na obra que ele lançou no princípio deste ano em Luanda, depois de o ter feito em Portugal. “O Livro dos Nomes de Angola” é o sugestivo título da obra, que tem a chancela da Allende - Edições e Perfil Criativo



| EDIÇÕES NOVEMBRO

Analtino Santos

Amigos, linguistas e estudiosos das culturas e línguas bantu e suas variantes - incluindo o músico Bonga Kwenda, que escreveu o prefácio e contribuiu com alguns nomes - colaboraram nesta obra que levou quase uma década a ser elaborada, numa viagem que começou quando o autor/organizador morava em Amesterdão (Holanda). São mais de 2000 nomes de 10 grupos étnicos e seus subgrupos, com os respectivos significados, origens etimológicas e personagens da história e da mitologia.

Desde muito jovem, Aristóteles Kandimba sente a responsabilidade de divulgar a cultura angolana mundialmente e, com esta obra, como contou ao *Jornal de Angola*, “sente-se mais perto” dos seus objectivos.

“Fui muito bem recebido pelo meu povo, o povo angolano, e vi estrelinhas nos olhos de muita gente que me foi conhecer pessoalmente no lançamento do livro. Foi um momento muito especial para todos nós. O livro em Angola foi adquirido como se fosse vitamina C. A demanda continua muito forte e espero regressar logo

que as condições permitirem”, disse ele, que esteve em Angola expressamente para lançar o livro, em Janeiro deste ano.

“Os nossos nomes tradicionais fazem parte da expressão filosófica das nossas civilizações bantu, que foram interrompidas pelas nações coloniais. Infelizmente, ainda vivemos os traumas da violência psicológica do colonialismo português. Vemos tudo isso também na rejeição dos nomes de origem africana”, explicou Kandimba.

Aristóteles Kandimba aprendeu muito cedo em casa, com o pai - Alexandrino Amândio Coelho “Kandimba”, historiador, filósofo e economista - a valorizar as suas origens. “Com esta obra espero mudar o pensamento dos angolanos que negam essa identidade ou que se envergonham dos nossos nomes. Também espero motivar os serviços do Registo e Identificação Civil a mudarem de mentalidade, porque, em muitos casos, e de forma humilhante, têm-nos proibido de registar os nossos recém-nascidos com nomes que nos pertencem, que nos ligam às nossas identidades, e que são nosso direito como africanos”.

Diáspora versus interior

O autor da obra privilegiou a grafia africana e justificou a mesma pela busca da sua identidade e valorização da cultura. O facto de viver há mais de duas décadas fora de Angola não o desencorajou. Aristóteles Kandimba referiu que foi fundamental o apoio dos pais e de amigos como Gerson Martins, Cesaltina Kulanda e outros, que contribuíram com sugestões. No processo de pesquisa e elaboração do livro o autor chegou à conclusão que é maior o interesse dos angolanos que estão na diáspora em optar pelos nomes africanos em comparação com os que se encontram em Angola.

José Pedro, o director do Instituto de Línguas Nacionais, órgão adstrito ao Ministério da Cultura, aquando do lançamento do livro, questionado sobre a alteração da grafia dos nomes africanos, foi categórico em afirmar que o parecer dos especialistas não foi tido em consideração e pesou um entendimento político.

Os linguistas Cesaltina Kulanda e António Munhongo criticaram a resistência dos funcionários dos Registos Cíveis em aceitar alguns nomes bantu. Os dois foram unânimes na pertinência da obra e encorajaram o autor a continuar na mesma linha de pesquisa.

Por dentro do livro

Não resistimos a transcrever aqui parte da nótula editorial do livro:

“O colonialismo português restringiu diversas expressões culturais e criou barreiras físicas e psicológicas nos espaços sociais africanos, forçando uma grande parte da população nativa a mergulhar profundamente na rejeição dos seus nomes próprios tradicionais.

A obra de Aristóteles Kandimba é épica, no sentido de ser a primeira obra angolana a englobar nomes de quase todas as etnias e línguas bantu de Angola. Foi pesquisada e documentada durante sete longos anos e é uma afirmação do orgulho e valorização da riqueza cultural, que dá continuidade a uma civilização interrompida, mas jamais aniquilada - vencida.

Na tradição bantu, quanto ao sistema de nomeação, tudo é levado em consideração. A ancestralidade, a majestade, destreza, ferocidade e astúcia dos animais, a beleza e encanto das flores, os poderes medicinais das raízes, folhas e frutos, o mistério e invencibilidade das chuvas, trovões e das águas do rio e do mar, os acontecimentos diários, que tanto demonstram uma filosofia africana rara/sem igual, o elogio à vida, à natureza e o misticismo, os cognomes e alcunhas de louvor e exaltação, que, no seu todo, são uma forma imponente e fascinante de poesia africana.

Finalmente, Angola, os angolanos e seus descendentes, podem orgulhar-se de um livro que revive uma parte importantíssima da sua identidade”.

O autor

Escritor, pesquisador, produtor cultural, cineasta, curador, activista social e cultural e professor de Capoeira. De origem Ovimbundu, Aristóteles Kandimba nasceu em Lisboa, Portugal, no início dos anos 70, num período em que o seu pai finalizava lá os estudos universitários. Aristóteles Kandimba cresceu, estudou e vive entre Angola, Portugal, Estados Unidos, Holanda e Brasil. Publicou a sua primeira obra literária, um poema, numa colectânea com obras de outros escritores, aos 18 anos de idade, em Nova Iorque, quando cursava a Faculdade Comunitária La Guardia, da Universidade da Cidade de Nova Iorque.

| EDIÇÕES NOVEMBRO



HÁ MIL E UMA MANEIRAS DE LER

A crónica da leitura

Abrir livros é coisa de gente sabida ou que quer saber, porque há quem os mantenha fechados, escondidos em estantes e outros colocam o selo da inutilidade sobre qualquer que seja o sítio que tenha um livro

| EDIÇÕES NOVEMBRO



Kaz Mufuma

Soube disso depois de uma viagem até à pequena cidade de Ndalatando, aonde levei comigo os meus companheiros Ondjaki, Manuel Rui e o senhor Hélder Simbad e, enquanto as quatro rodas da lata mais velha que nos carregava beijava a raridade de asfalto que aparecia, desfilava vários olhares sobre a paisagem na exterior idade. A natureza é mesmo uma mulher nua – faz-nos pensar que devemos tocá-la além dos limites das mãos, se os olhos não forem capazes de nos levar a tão prazerosa dança das possibilidades.

Entretantes, tinha o meu amigo Ondjaki no seu “Quantas Madrugas Tem a Noite” aberto, como as fronteiras de um país e, no meio, passeavam intercalados os meus dedos médio e polegar com a mesma frequência que a chuva em Abril. As montanhas circundadas pelo capim verde, as aldeias com ares da modernidade que as acolheu e a cor da tarde que o sol causava, pela porta dos meus luandenses olhos entravam as razões de sensações raras e

sentidas só... aliás, nunca antes sentidas.

Quando voltava a passear sobre as letras do rebento do Ondjaki, sentia que desperdiçava uma outra boa leitura: a desordem no que chamamos de estrada também me parecia mais quente, e a suavidade no tocar dos pés ao chão dos transeuntes lá fora tinha a particularidade da gaivota-rapineira. Já imagino se fosse poeta, ia rascunhar um verso do tamanho do Lucala!

Esta não era a primeira nem a segunda vez que viajava para o Cuanza-Norte, mas sabia a diferença todas as vezes que levantava a cabeça e abraçava o exterior daquele carro. E, como se diz que uma viagem começa aquando da sua programação, quisemos materializá-la, colocámo-nos fora e buscámos o contacto directo com aquela terra – o Golungo era-nos mais alto que o Moco do Huambo e foi daquelas alturas que vimos as, também, suas reservas florestais e foi mais tarde que em passeio nas verdejantes margens, refrescantes como as salivas do vento, pisámos as suas praias, já no Dondo. Nessas horas, o meu amor pelos li-



“Enquanto estiver aqui, meus amigos Ondjaki, Manuel Rui e Hélder Simbad (...) terão de esperar a quentura luandense: porque ler está além de percorrer com as vistas um conjunto de palavras!”

vros repousava tranquilo, lia de capa em capa as muitas linhas naturais e esfolheava cada paisagem qual leitor jovem num bibliótafo e, sem ter que molhar o dedo na língua, escorregavam-me às páginas daquele belo natural. Compreendi por que um dia concordei com Mia Couto: “a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós temos emoções nos rostos, temos os sinais climáticos nas nuvens, temos

o chão, temos o mundo, temos a vida.” Não será hoje que voltarei à leitura de sempre, ao barro do Cazenga e, ou, ao betão armado de Luanda. Enquanto estiver aqui, meus amigos Ondjaki, Manuel Rui e Hélder Simbad ou terão de me acompanhar à vida destas leituras ou, fechados, terão de esperar a quentura luandense: porque ler está além de percorrer com as vistas um conjunto de palavras!

Estou aqui em Kambambe, a pensar em abrir o livro, como sugeriu a cantora... mas como? Se há mil e uma outras poesias abertas depois do aro da janela?! Às vezes, não guardamos um livro por não gostar de ler ou por preguiça, é que existem muitos outros livros abertos bem à nossa vista.

Temos sempre uma leitura pendente!

**In “CRÓNICAS TÃO BRANCAS DE AZUL (A Idade dos Lados)”, colectânea de crónicas de Kaz Mufuma, David Gaspar, Dias Neto e Luefe Khayari. Pode ser baixada gratuitamente a partir do site www.palavraarte.co.ao.*





AGRICULTURA NA HUÍLA

Máquinas diminuem sacrifício dos camponeses

É fase da colheita do milho. Maria Tchombe, 49 anos, moradora na localidade da Tchikala, comuna do Hoque, município do Lubango, tem as palmas das mãos enrugadas por causa do descasque manual das espigas. A velocidade da colheita é determinada pelo número de pessoas envolvidas. Tchombe está consciente da perda que ocorre no campo devido a não intervenção da máquina de colheita. “As perdas de espigas são as que causam maior preocupação”, disse, lamentando que a fase da colheita é a mais difícil, “porque o processo é realizado manualmente”

Arão Martins | Lubango

António Manuel, 56 anos, outro camponês da mesma localidade, explicou que recolhe espiga por espiga, tanto aquelas presas nas plantas como aquelas caídas no chão. A utilização de máquinas na colecta das espigas, reconheceu, contribuiria imenso para reduzir as perdas, sobretudo na fase da seca.

Na povoação da Tchikala, comuna do Hoque, existe a associação de camponeses denominada “A Luta Continua”. A associação conta com 65 membros, sendo 34 homens e 21 mulheres. Os associados enfrentam dificuldades várias para o desenvolvimento das suas actividades, por falta de meios materiais, tais como charruas de tracção animal, correntes, enxadas, pás, picaretas, ancinhos, catanas, machados e foices. A falta de fertilizantes é outra pro-

cupação manifestada.

O coordenador da associação “A Luta Continua”, João Francisco Typinge, contou ao *Jornal de Angola* que a falta de tractores para desbravar os solos, além de motobombas e mangueiras para irrigação, constitui, igualmente, factores que impede o aumento da produção de produtos do campo.

João Francisco Typinge afirmou que a distribuição das sementes, por parte da Estação de Desenvolvimento Agrário (EDA) acontece sempre no fim da época agrícola, o que compromete as culturas.

Cortadora e debulhadora

A apresentação, recente, de um conjunto de equipamentos mecânicos foi recebida com satisfação pelos camponeses da Tchikala. A cortadora é movida à gasolina e a debulhadora, que faz o trabalho de separar o grão

de milho da casca do caroço, trabalha a diesel. A ensacadeira com pás junta o grão e suga o mesmo para os sacos. A sachadora, além de cortar o capim, remove e destrói a crosta dura do solo, facilitando a infiltração das águas, tornando o solo mais fértil para desenvolver as sementes.

“Normalmente, os produtores despendem muito esforço físico e realizam actividades produtivas muito penosas”, reconheceu João Francisco Typinge, afirmando que, por causa disso, o rendimento é muito baixo, em função das áreas e do tempo que ficam a trabalhar. A mecanização “permite, por um lado, diminuir o desgaste e o esforço físico do camponês, e, por outro lado, aumenta a sua produtividade. Se tiver que colher uma determinada quantidade em 30 minutos, com o equipamento pode fazê-lo em 2 minutos”, explicou.



Tecnologia de baixo custo

LOURENÇO BULE | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE

“Na estrutura agrária de Angola, a agricultura familiar tem uma importância capital. Mais de um terço da população angolana depende da agricultura”, disse a esta reportagem o director-geral adjunto do Instituto de Desenvolvimento Agrário para a área Técnica, Tarciso João Baptista. O responsável afirmou que o sector agrícola familiar detém mais de 98 por cento das explorações agrícolas do país, nas quais se encontram enquadradas mais de três milhões de famílias.

Os indicadores de produção das explorações agrícolas familiares, salientou, são extremamente baixos como consequência do baixo investimento e do baixo nível de “know-how”, conjugados com as condições edafo-climáticas pouco favoráveis para um sistema de exploração, essencialmente, de sequeiro.

Um dos factores na base dos fracos resultados no campo é a gritante falta de pequenos equipamentos agrícolas para o processo produtivo, desde a preparação das terras para o cultivo, o manuseio dos campos cultivados, a colheita, o be-

neficiamento e o processamento da produção.

Tarciso João Baptista frisou que o Executivo, por intermédio do Ministério da Agricultura e Pescas, definiu uma estratégia para a introdução da mecanização de baixa força-motriz e baixo custo de aquisição, para a redução dos esforços braçais. E o Instituto de Desenvolvimento Agrário foi orientado a implementar um programa de introdução de inovações tecnológicas e de fomento de tecnologias intermédias, nomeadamente a moto-mecanização (mini-tractores e moto cultivadores), equipamentos de irrigação (moto-bombas, sistemas de rega auto-propelidos e bombas), para poupar esforços e aumentar a produção.

Segundo o director-adjunto do IDA, foi criada uma equipa, integrada por técnicos da estrutura afectos aos vários departamentos, para se deslocarem às várias províncias com a missão de realizarem sessões de demonstração da utilidade das tecnologias intermédias e de pequenos equipamentos de inovação tecnológica, bem como para capacitar os técnicos locais e os líderes comunitários so-

bre o funcionamento e uso desses meios.

A primeira missão tem como destinos províncias do Cuanza-Sul, Bié, Huambo e Huíla.

Tarciso João Baptista disse que as comunidades beneficiárias vão ser organizadas com vista à cedência dos pequenos equipamentos agrícolas em forma de crédito, que serão amortizados com os recursos das caixas comunitárias, por meio de contrato de cedência e uso dos referidos equipamentos.

Na segunda fase, anunciou, serão contempladas as associações, cooperativas, grupos solidários e produtores individuais com estrutura organizativa e de gestão funcionais, cujos requisitos principais para aquisição dos pequenos equipamentos assentam em ter a capacidade de efectuar o pagamento do crédito, pontualmente e de acordo com as datas assentes no contrato de cedência e uso.

Salientou que ter experiência de trabalho e manuseamento comprovado de pequenos equipamentos, tais como motorizadas, motobombas, moinhos motorizados, entre outros, são requisitos importantes a



cumprir. Disse que os equipamentos do programa serão adquiridos por contrato de crédito de cedência e uso, que representará o único acordo entre as partes.

Acrescentou que o contrato de crédito vai reger-se pelas cláusulas do código civil e da legislação aplicável na República de Angola, que se baseia nos princípios e

objectivos cooperativos que regulam o processo de aquisição, funcionamento, acompanhamento e resolução harmoniosa de conflitos.

Agregar valor à produção

O projecto de mecanização trará maior comodidade aos agricultores no processamento da sua produção, reconheceu a directora do gabinete provincial da Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural, Mariana Soma. “O trabalho de colheita feito manualmente tem um tempo muito longo e é desgastante. A introdução de tecnologias vai agregar valor a este trabalho”, destacou.

Mariana Soma fundamentou que vai ser a oportunidade de fazer com que as famílias, em pouco tempo, façam a colheita e o ensacamento da produção, além de poderem acondicionar melhor os restos da colheita, que poderão ser aproveitados para o consumo do gado ou mesmo para a fertilização orgânica.

Às vezes, sublinhou, no processo de colheita manual são muitas as espigas que ficam espalhadas pela lavoura. Tem-se também, às vezes, o ataque do salalé. As máquinas agora disponíveis para os camponeses facilitam que, em um dia, se faça o corte de todo o milho, que é levado à máquina debulhadora, onde é descamisado, descarolado e a palha é separada do grão.

“É uma tecnologia que vai agregar valor à actividade das famílias camponesas”, reiterou Mariana Soma, acrescentando que são equipamentos pequenos, mas que

podem dar maior rendimento, desde que sejam usados de forma cooperativa e associada.

Referiu que os equipamentos, por serem motorizados, têm custos com os combustíveis, manutenção e com outros acessórios. “Ao fazer o uso de forma cooperada, os camponeses das associações poderão encontrar mecanismos para a sua manutenção”, disse a directora do gabinete provincial da Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural, que ressaltou ainda que o projecto é de âmbito nacional e está a ser coordenado pela direcção-geral do IDA. “Acredito que a direcção do IDA tem um prognóstico melhor. Mas para nós, na província da Huíla, seria bom que estas máquinas estivessem acessíveis a todas as associações de camponeses”, defendeu.

Camponeses satisfeitos

Ernesto Vapor Cambambi, 50 anos, é famoso na produção de milho, cebola, repolho, cenoura, alface e batata-doce na localidade de Chikala, comuna do Hoque. Cambambi disse à nossa reportagem que comercializa a sua produção no mercado do Km-40, naquela comuna, e que está entusiasmado com os novos equipamentos.

“Estávamos à espera deste projecto. A realidade chegou. Vamos aderir. Estou em condições de com-

prar combustível, óleo e gasolina”, realçou. Para ele, só há vantagem na introdução dos equipamentos mecanizados no processo de produção agrícola.

“Na colheita, usamos as unhas para descamisar o milho e os braços para separação do milho do caroço. É muito cansativo”, frisou, acrescentando: “Vimos a máquina que debulha e coloca o caroço e a camisa do milho de parte. Uma outra faz o ensacamento sem usar a força. Com este método, poupa-se o corpo. Para nós, é uma grande vantagem”, reconheceu Ernesto Cambambi.

A Huíla é uma província cujo potencial de produção de grãos é explorado, maioritariamente, pelas famílias. O milho é a cultura mais amplamente difundida e cultivada, pois se adapta aos mais diferentes ecossistemas.

Com uma produção média anual a atingir milhares de toneladas, a província concentra nos municípios de Caluquembe, Caconda, Chicomba e Quipungo, e parte do Lubango, a maior parte da cifra anual da colheita do milho.

Embora seja uma cultura apropriada ao uso de alta tecnologia e com grande potencial de incremento, ainda predomina na província o uso de tecnologia de baixo investimento, o que tem mantido a produtividade média muito abaixo do desejável..



Kindala Manuel

O polémico jogo contou para a sexta jornada do campeonato de Benguela, com acesso ao torneio de apuramento à primeira divisão. O *Jornal de Angola* procurou o antigo árbitro na zona do Futungo, em Luanda, onde reside desde os anos 2000, mas não foi fácil convencê-lo a relembrar os momentos traumáticos que viveu durante a sua passagem pela arbitragem.

Fernandes dos Santos Fernandes “FF” jogou futebol no Lobito Sport Club Ferrovia entre os anos de 1978 e 1980, no campeonato interprovincial, onde se destacou como guarda-redes principal. Em 1980 recebeu proposta de renomados árbitros seniores da província de Benguela - Mário Amuzalaque e Luciano Rosa “Cardeal” - para integrar a carreira de árbitro, começando como estagiário e, mais tarde, passando a fiscal de linha, em campeonatos intermunicipais. Aos 36 anos de idade, em 1986, passou à categoria de árbitro provincial, com a possibilidade de auxiliar nos jogos da primeira divisão nacional, vulgo “Girabola”. De 1986 a 1987, numa altura em que estava a ser preparado para transitar a árbitro da primeira divisão, desempenhou funções de árbitro assistente em várias partidas da primeira divisão, na equipa do memorável e respeitado árbitro Luciano Rosa, conhecido na época por “Cardeal”.

Golo polémico

Na sexta jornada do Campeonato Provincial de 1987, houve o cruzamento do Académica do Lobito com o Sital de Benguela, que daria ao vencedor a liderança. De acordo com “FF”, a Associação de Árbitros de Benguela era responsável pela nomeação do árbitro. “Para este jogo, estava indicado Mário Amuzalaque, árbitro sénior de categoria nacional, já falecido. Mas, de repente, a comissão decidiu que fosse eu a apitar o jogo. Eu era tido como carrasco e ‘armado em correcto demais’, por alguns adeptos e clubes da região. Estava diante de um jogo polémico e, por ser do Lobito, na véspera cogitava-se uma arbitragem tendenciosa. Durante a vida andei abraçado com o sentido da disciplina, por isso, como árbitro, a coerência era o meu timbre”, sublinhou.

De acordo com “FF”, o problema começou aos 15 minutos da primeira parte, depois de anular um golo da Académica do Lobito, por ter sido marcado em fora de jogo. “A Académica estava a jogar em casa. O lance de que derivou o golo anulado aconteceu no momento em que um dos jogadores da Académica, que, por força da jogada, tinha saído das quatro linhas, sem autorização entra de repente, perto



FERNANDES FERNANDES EXPLICA O QUE O LEVOU A ABANDONAR A ARBITRAGEM

“Fui brutalmente agredido com pedras e pauladas até desmaiar”

Fernandes dos Santos Fernandes, conhecido nas lides desportivas por “FF” (pseudónimo profissional que comporta a letra inicial do nome e do apelido) foi árbitro de futebol na década de 80, tendo actuado no campeonato provincial de Benguela e no Girabola. Natural do Lobito, carrega até hoje o trauma e as cicatrizes da agressão que sofreu, e que quase o levou à morte, num jogo que ajuizou, em que estiveram frente-a-frente a Académica do Lobito e o Sital de Benguela



“Enquanto me agrediam, gritavam ‘Agarrem o traidor, não deixem passar o ingrato filho da terra’. Defendi-me na medida do possível, mas não foi para tanto. Fui brutalmente agredido, com pedras e pauladas em todo o corpo, até desmaiar. Chibi, técnico da Académica do Lobito, foi quem me recolheu do chão, mas já desmaiado, e levou-me ao hospital, onde permaneci em coma durante vinte e quatro horas”.

de um dos postes da baliza defendida pelo Sital. Recebeu a bola do companheiro que estava em campo e marcou o golo de cabeçada. Embora sendo filho da terra, tive que assumir o meu papel de árbitro e fazer cumprir as leis do desporto. Estava fora de jogo, tive que anular o golo”.

Como é óbvio, conta, houve contestação por parte de alguns jogadores, mas a grande revolta veio dos adeptos da Académica que estavam nas montanhas. O antigo árbitro explica que o campo da Académica do Lobito situa-se numa espécie de buraco, onde, num lado tinha as bancadas e no outro o morro onde ficava um “amontoado” de gente.

“Até ao intervalo, as equipas estavam empatadas a uma bola. No segundo tempo, a Académica desempata (2-1) e, passando alguns minutos, um dos jogadores da Académica, em plena grande

área, tentou ludibriar-me desviando a trajectória da bola com a mão. Tive que assinalar pênalti. Não havia hipótese, foi mão na bola, com o meu assistente de linha a confirmar”.

Após o golo do Sital, refere “FF”, já nos últimos minutos do jogo, os adeptos da Académica do Lobito foram criando um ambiente hostil contra a equipa de arbitragem, entoando cânticos de ameaça e lançando objectos contundentes ao campo. Segundo ainda o antigo árbitro, já nos últimos minutos do jogo o Sital marca, vencendo o jogo por (2-3).

Devido ao ambiente menos bom que se registava, no final do jogo, Fernandes dos Santos Fernandes “FF” foi alertado pelo vice-presidente da Académica para que não saísse do lado do morro, devido ao grande número de adeptos furiosos que lá estava a sua espera. “Havia poucos polícias no

asseguramento do jogo e a porta habitual de saída, que dava para os banheiros, estava cercada de adeptos da Académica do Lobito insatisfeitos. Então, tivemos que colocar em ação o plano B, que era sair mesmo pelo lado do morro. Por via de dúvidas, passaram primeiro os meus assistentes de linha e não tiveram problemas”.

Depois dos assistentes passarem, “FF” dirigiu-se ao portão, mas, infelizmente, foi abordado por dezenas de adeptos que gritavam enfurecidos. “Enquanto me agrediam, gritavam ‘Agarrem o traidor, não deixem passar o ingrato filho da terra’. Defendi-me na medida do possível, mas não foi para tanto. Fui brutalmente agredido, com pedras e pauladas em todo o corpo, até desmaiar. Chibi, técnico da Académica do Lobito, foi quem me recolheu do chão, mas já desmaiado,

e levou-me ao hospital, onde permaneci em coma durante vinte e quatro horas”.

O antigo árbitro acrescentou que um dos ferimentos na cabeça teve de ser suturado com 32 pontos.

Depois de uma semana de tratamento foi-lhe dada alta hospitalar. “FF” decidiu então abandonar a arbitragem, numa época em que estava a ser preparado para ascender à categoria de árbitro titular da primeira divisão. Querido por alguns e odiado por outros, “FF” lembra-se que, na altura, o delegado provincial dos desportos de Benguela, Victor Jeovete Barros, procurou por ele quando estava em convalescência, com a finalidade de persuadi-lo a desistir da decisão, mas o homem do apito estava mesmo decidido a abandonar os campos. Devido ao trauma da agressão que sofreu, “FF” ficou sem ir aos campos de futebol durante vários anos.

Versão de um adepto da Académica

Júlio Gaiano, adepto da Académica do Lobito, na época com 16 anos de idade, assistiu ao jogo da confusão entre o seu amado clube e o Sital de Benguela.

O adepto explica que na época o Nacional de Benguela liderava o campeonato e, um dia antes, empatou com a Sorefame do Lobito. Caso a Académica ganhasse ao Sital, passaria a líder e teria o caminho facilitado porque haveria de jogar com a equipa Embalagens de Angola e depois com o Dinamos, para encontrar-se na final com o Independentes do Lobito, tido na época como a equipa que facilitaria a vitória da Académica. “A Académica marcou o primeiro golo por intermédio de Yamussekue, em seguida, o Sital empatou.

No segundo tempo, Yamussekue voltou a marcar pela Académica, colocando o resultado em 2-1. Porém, minutos depois, o árbitro “FF” assinalou pénalti contra a Académica e o Sital empatou (2-2), golo de Abegá. Um pénalti que os adeptos da Académica julgaram inexistente”, relata Júlio Gaiano, acrescentando que após o golo de penalti os ânimos dos adeptos da Académica descontrolaram-se, de tanta exaltação.

Gaiano conta ainda que, para infelicidade dos adeptos da Académica, quando faltava um minuto para o final do jogo, surgiu um cruzamento e um jogador da equipa adversária marcou o golo de cabeça, ficando selada a vitória do Sital por 2-3.



Carreira profissional



Fernandes dos Santos Fernandes “FF” foi funcionário dos Caminhos-de-Ferro de Benguela e do Porto do Lobito entre os anos 1970 e 1985. Em 1987 foi indicado pela Secretaria de Estado da Educação Física e Desporto para dirigir a Casa dos Desportistas do Lobito



“É FEITIÇO DO BRANCO”

Regresso dos parentes do Drácula à cidade da Kianda

Com voz abafada, traje cor da paz a esvoaçar pela cortina de poeira nas ruas, o fantasma da cidade capital parece ter voltado. A assombração parece procurar o cidadão para o abraçar, beijar, agarrar e adormecê-lo no berço de areia da sua eterna morada

Pombal Maria

Os jovens calcinhas, com vaidade de pavão, caídos do céu, com árvore de dinheiro em casa, subtraem a presença no olhar da lua e das estrelas. Mesmo o roncar de carros de luxo desapareceu na noite. Estes jovens, maioritariamente na flor da idade ou na idade de Cristo, são filhos da dona e senhora desta cidade, mulher com rabo de peixe e que habita nas profundezas das águas da baía de Luanda, a Kianda. No tempo da outra senhora, quando aportassem nas discotecas de Maputo, Cidade da Praia e nas capitais de outros países do continente-berço, pagavam até as contas dos ratos, baratas e mosquitos, para impressionar mulheres mascaradas nas etiquetas vãs e por traz do batom, brilhantina, base, correctivo e cabelo plástico.

Estes jovens vaidosos como pavão simplesmente evaporaram-se, não deixaram palavras ao vento. Muitos até estão encravados em Lisboa, Paris, Joannesburgo, Dubai. A maior parte ostenta o que não ganhou. Não conhecem o fruto do suor do rosto.

Distante deles, hoje, a cidade de Luanda, finalmente, pode fechar os olhos e adormecer comodamente às noites, principalmente no dia

em que Deus descansou ao construir o mundo. Há décadas que não dormia sossegada, não pregava os olhos na cabeceira.

As ruas da cidade da Kianda, acesas e ao mesmo tempo escuras, confundem rios de asfalto, e ao mesmo tempo imitam o deserto do Namibe, pelo menos à noite e à madrugada. Vemos algumas criaturas perdidas, como oásis, a evaporar sob o olhar incendiário dos policiais e militares postados numa e noutra esquina, lembrando os velhos tempos de rusga. Mesmo os bairros esquecidos pela alma dos administradores, com casas amontoadas, umas empurrando outras, bairros onde a noite cai violenta, o deserto se estende, o seu lençol de areia apenas consente a ausência da marca das calças. Um cão solitário pode representar uma multidão que outrora não sabia pregar os olhos no traveseiro durante a noite, sem o vulcão de uma valente briga de comadres, ciúmes, fofocas.

Os homens que bebem álcool em quantidades industriais, noctívagos, boémios, meretrizes, drogados, poetas, rosqueiros, deixaram de bater nas costas da cidade para mantê-la sempre acordada, no mínimo, aos fins-de-semana. Realmente, o fantasma da cidade de Luanda chegou, e apenas o que

se pode fazer é deitar a toalha ao tapete, abandonar o ringue das ruas e prestar mais atenção aos rebentos da árvore familiar. E para quem já cortou ou caiu da árvore que tente reconstituir a copa, o tronco e as raízes, ou plantar outra árvore em vez de uma floresta. Nada é impossível. Na verdade, o somatório desta calada dolente aos fins-de-semana e não só, é provavelmente o regresso de dois famosos fantasmas desta região, o Kazumbi e o Mayombola, encarnados num vírus conhecido nos palcos internacionais por Covid-19. Porque o ambiente em que estes fantasmas sobrevivem está reconstituído.

Como consequência, as pessoas entrincheraram-se em casa, indagam-se sobre o que vem adiante. Temem perder a alma e adormecer eternamente antes do fim da picada, enfim. Nesta estação contemporânea, apanhamos o comboio do tempo. Ao invés de avançarmos... regressamos no tempo. Desta vez, ninguém precisa de um adivinho para precipitar a chuva ou para subir no muro do horizonte, com binóculos, e ver o amanhã chegar, ou mesmo contar quantos dias faltam para ele próprio morrer. Desta vez, e porque veio encarnado em Covid-19, até os pastores e ovelhas estão embaixo da cama, a contar

os dias com os dedos da mão. Apenas a ciência, com seus rios de conhecimento, procura a chave perdida no mar.

Vaidosos, aborrecidos, alegres, funestos, os fantasmas sempre andaram pelo passeio, avenidas, jardins, restaurantes, residências, florestas, vilas e cidades. Na sua maioria são solitários e caminham por trás das pessoas, contando na areia, principalmente nas noites sem luar.

Estes turistas vindos do outro mundo têm elevada simpatia pelos descendentes de Adão e Eva. Mesmo na terra de William Shakespeare, país que há milhares de anos era habitado por negros de olhos azuis, o primo direito do Kazumbi, o Drácula, não deixou de andar pelas ruas de Londres. O senhor desenvolvimento o agarrou. Levou-o para o cinema, teatro e mesmo para a literatura. De quando em vez sai das telas de TV, dos palcos de teatro e dos livros e volta às ruas. Neste momento, tal como o seu primo também está a andar por algumas cidades do velho continente. Eu sou a única pessoa no mundo que percebeu essa realidade.

Na cidade da Kianda, quando eu corria debaixo da chuva, fazia carros de lata, apanhava gafanhotos no meio da década setenta e início da oitenta, nos bairros

hoje na linha da pobreza, temia dois grandes fantasmas, o exército de meus amigos também ficava em sentido, trêmulo. Trata-se do Kazumbi e do Mayombola. Nunca ninguém os viu, mas sentíamos mais a sua presença do que gente boa que passava por nós, saudando, dando conselhos.

As histórias de kazumbi seguiam quase sempre a mesma plástica, era um jovem que conheceu uma moça de beleza esplêndida. Acompanhava-a até a casa, e quando no dia seguinte voltava para a visitar, a mãe lhe dizia que a filha já havia morrido faz tempo. Para se car a maré de dúvidas, visitavam o campo santo. O moço reconhecia a foto dela no epitáfio e o seu casaco, emprestado na última noite, pendurado na cruz da campa. Naquele tempo, conhecer uma diva solitária durante a noite levantava a poeira da suspeita. A fórmula mais aconselhada era observar se ela tinha os pés no chão. Havia outra estória na qual a moça, de beleza deslumbrante, pedia ao apaixonado para a acompanhar. Exactamente na porta do cemitério, o encantado percebia onde estava. A moça entrevava-se...

Mas foi o Mayombola que mais sacudiu o corpo e a alma dos adolescentes e

crianças da minha geração. Muitos passaram noites em branco. Todos piamente acreditavam que, a qualquer momento, podiam ser levados pelo fantasma. Tinha a destreza de separar o corpo da alma das pessoas, principalmente dos miúdos. Levava-os, mortos já, para os campos de cultivo de milho, mandioca, batata, macunde e outros produtos agrícolas, para trabalharem. Lá encontravam outras pessoas conhecidas que já perderam a vida. Quando viesse um novo amigo do interior, miúdo, é claro, reforçava a presença do Mayombola, abria o verdadeiro livro, falava do perfil do fantasma e das suas preferências.

Estes dois amigos, vindos do além, não são os únicos que descem as escadas do inferno para nos visitarem. Não vamos recordar os demais nestas linhas, há outros a viverem felizes na literatura angolana. A verdade é que, na cidade da Kianda, quando o sol é engolido pelo mar, vive-se o típico ambiente dos parentes do Drácula. Aliás, quando a epidemia começou com os seus primeiros passos no velho continente, perguntei a um cidadão do mundo, que ainda vive na idade média, o que estava a acontecer na Europa. Ele foi claro a dizer que “é feitiço do branco”.